

ALBERTO LOFGREN

Em Stockolmo nasceu, a 11 de setembro de 1854, JOÃO ALBERTO CONSTANTINO LOFGREN, ou mais resumidamente, ALBERTO LOFGREN, como se tornaria conhecido nos meios culturais, depois que principiasse a apresentar-lhes os resultados de suas pesquisas botânicas.

Revelando desde cedo acentuada vocação para tais assuntos, matriculou-se na Faculdade de Filosofia de Uppsala, onde se habilitou para investigações nos domínios das ciências naturais.

E apenas ultimado o curso universitário, distinguiu-o REGNEL, em 1874, com expressivo convite, para colaborar na expedição que estava organizando, por incumbência da Academia de Ciências da Suécia, para vir ao Brasil, com vasto programa de estudos.

O contraste entre seu torrão natal, onde as atividades se restringem durante os longos invernos, e a exuberância da vida tropical, a espelhar-se galhardamente nas pompas da sua vegetação, imprimiu-lhe novo sentido à existência.

Não mais tornaria à Europa, que não lhe oferecia tão vasto campo de indagações. A permanência no Brasil, todavia, não lhe foi de princípio favorável aos propósitos científicos.

Faltou-lhe ambiente propício para cuidar exclusivamente de botânica, de acordo com os seus pendores naturais.

Mas decidido a radicar-se no país, casou-se, em 1878, com Da. EMA BREMER, em Campinas, e alegrou-se com o nascimento dos seis filhos brasileiros.

À míngua de funções compensadoras no ramo preferido, aceitou "trabalhar como engenheiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro", consoante assinalou seu amigo JÚLIO CONCEIÇÃO, em esboço biográfico embebido de simpatia.

A organização da "Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo", confiada a ORVILLE A. DERBY, em 1886, atraiu-o, porém, para o seu quadro técnico, ao lado de GONZAGA DE CAMPOS, TEODORO SAMPAIO, e outros que harmonizavam as suas atividades profissionais com os trabalhos de geografia.

"Começou por organizar o serviço de meteorologia no estado, praticando por si próprio e ensinando pessoalmente o seu corpo de observadores. Com a distribuição de instruções e com uma dedicação sem limites, conseguiu estabelecer esse serviço e publicar com assiduidade os boletins onde se confrontavam e deduziam os resultados".

Simultaneamente, empreendeu excursões, "ouase sempre a pé, empunhando a pasta e a cavadeira de naturalista e com a competente sacola às costas, para conseguir assim colecionar a maior parte do rico material que formaria hoje (1918) um dos mais completos herbários de plantas brasileiras, por ele deixado na Comissão Geográfica".

Sem prejuízo de suas obrigações oficiais, auxiliou a formação do "Museu Sertório", de iniciativa particular, que o conselheiro MAYRINK adquiriu, com o imóvel em que se achava alojado.

E como pretendesse doá-lo ao estado, não mais cogitou de ocupá-lo.

Para que não se arruinasse ao abandono em que o deixou o novo proprietário, ofereceu-se LOFGREN para zelar pelas coleções existentes, muitas das quais resultaram de seus próprios esforços.

Atendendo-lhe às justas ponderações, resolveu o presidente AMÉRICO BRASILIENSE, a 7 de abril de 1891, incumbi-lo da proteção eficiente do acervo do Museu Sertório, cuja chefia exerceu, "até princípios de 1894, sem descuidar da direção do serviço de meteorologia e botânica a seu cargo".

Graças, em parte, aos seus trabalhos, viu-o transfigurar-se, por fim, no Museu Paulista, já desligado da Comissão Geográfica, na qual permaneceu ainda o botânico sueco.

Perseverante na propaganda que desenvolveu, conseguiu também a criação do Hórtico Botânico, "localizado nas imediações da serra da Cantareira", donde saíram dezenas de mudas para a "Festa das Árvores", instituída nas escolas públicas, graças às sugestões que repetidamente defendeu, para incutir na infância o amor às plantas e aos adultos a idéia de "proteção das florestas do estado".

Convicto da urgência de atalhar-lhes "a destruição sem método, pelo machado e pelo fogo", não perdia aso de espalhar ensinamentos que a evitassem.

E quando estampou artigo acerca da "Devastação das Matas", em que "expunha aos administradores das nossas estradas de ferro o perigo a que estavam sujeitas não só as suas estradas, como também a população do estado, com a devastação desordenada das nossas riquezas florestais, sem que se cogitasse da rearborização", ampla ressonância lhe fortaleceu as conclusões.

Mereceu comentários do engenheiro ADOLFO PINTO, um dos diretores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, cuja assembléia geral deliberou então criar o seu Hórtico

Florestal, de acordo com o plano sugerido por LOFGREN, consoante assegurou JÚLIO CONCEIÇÃO.

É serviço de que se ufana a empresa, que lhe confiou a execução a outro paladino do reflorestamento do estado, EDMUNDO NAVARRO DE ANDRADE, que soube espalhar por vasta área os seus viveiros de milhões de plantas indicadas para cada caso, especialmente o eucalipto de suas preferências.

Se em "A devastação das Matas" concorreu para fomentar a silvicultura em São Paulo, as "Contribuições para a questão florestal do nordeste do Brasil" já indicavam a sua atuação na região semi-árida do Brasil, para onde o levou, em 1910, o engenheiro ARKOJADO LISBOA, ao dirigir a Inspetoria de Obras contra as Secas.

Chamara-o "para estudar as condições do solo e da flora da região nordeste do país, flagelada pelas secas, no sentido de conseguir o seu aproveitamento agrícola e apurar as possibilidades de reflorestamento. Percorrendo em 1910 essa região, colecionou riquíssimo herbário e as suas principais observações preliminares acham-se registradas na publicação daquela repartição intitulada "Notas botânicas".

Nessa época, "dando início a um programa de reflorestamento dessa zona, LOFGREN criou diversas estações florestais, que foram instaladas nos pontos mais apropriados, onde, ao lado de experiências e demonstrações culturais, grandes viveiros foram formados para a multiplicação das melhores essências".

Extinto o serviço que lhe fôra confiado na Inspetoria de Obras contra as Secas, em 1913, acolheu-o com ufania o Jardim Botânico, mediante contrato que lhe entregou a chefia da secção de Botânica e Fisiologia Vegetal.

Pôde assim continuar as suas pesquisas, que jamais cessaram, como prova a extensa bibliografia, culminada pelo magistral Manual das Famílias Naturais Fanerógamas, "com chaves dicotômicas das famílias e gêneros brasileiros".

Com o ser a mais volumosa e substancial de suas obras de botânica sistemática, não foi a única elaborada nessa matéria.

Dezenas de memórias e artigos levou aos prelos, desde 1887, quando começou a divulgar os seus escritos, predominantemente relativos à ciência que professava.

Como colaborador da Comissão Geográfica, todavia, apresentou aos seus parceiros: "Dados Climatológicos de 1887 e 1888; Instruções Práticas para Observações Meteorológicas; Contribuições para a Botânica Paulista, Região Campestre; Dados Climatológicos de 1889-1890-1891; Aplicações Práticas da Meteorologia; Os Sambaquis da Costa de São Paulo; O Aneróide Guia Prático para o Cálculo das Altitudes; Ensaio para uma Distribuição dos Vegetais nos Diversos Grupos Florísticos do Estado; Notas Botânicas do Ceará, com um Mapa Botânico; Ensaio Preliminar para uma Fitogeografia Brasileira; Algumas Fontes Econômicas para a Região Nordeste do Brasil.

Ainda quanto à geografia, trouxe a vernáculo obras clássicas, mantidas fora do conhecimento da maioria, por causa do idioma em que foram escritas.

Para lhes facilitar o manuseio pelos desconhecedores da linguagem dos originais, começou por traduzir, do alemão, HANS STADEN — Suas viagens e cativeiro entre os selvagens do Brasil, como depoimento de um forasteiro em peregrinação aventureira pelo Brasil, na sua primeira fase de ocupação lusitana.

Também trajou à brasileira a "Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1815-1816" pelo naturalista G. W. FREIREYSS.

Do sueco, traduziu Ligeiras Notas de Viagem do Rio de Janeiro à Capitania de São Paulo no Brasil, no Verão de 1813, pelo Dr. GUSTAVO BEYER, e a Vegetação do Rio Grande do Sul, pelo professor K. LINDMAN.

Em que elaborada no fim do século passado, esta contribuição despertou-lhe o entusiasmo, não só de especialista empolgado pelos mesmos encantos da botânica, mas também de conterrâneo exilado nos trópicos.

Verteu, de mais a mais, do dinamarquês, a obra do Dr. E. WARMING, que lhe deu o simples título de Lagoa Santa, para tratar da região, que ingressara nos anais científicos, mercê dos estudos de LUND sobre a paleontologia, realizados com os fósseis colhidos nas grutas das circunjacências.

São duas obras clássicas, amiúde consultadas pelos geógrafos, que ne-as encontram o depoimento de sábios observadores e argutos, que souberam interpretar os fenômenos percebidos pela sua perspicácia de especialista.

Assim também ocorreu com o botânico sueco.

Não era estritamente geógrafo, mas contribuiu sobremaneira para o adiantamento dos estudos geográficos, de que não se afastaram as suas pesquisas, até succumbir a 30 de agosto de 1918, pouco antes de completar quatro décadas e meia de fecundas atividades científicas no Brasil.

VIRGILIO CORRÊA FILHO



Albert Löfgren